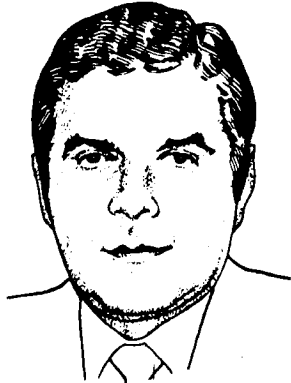


# A preocupação com o déficit público

por Severino Góes  
de Brasília



Luiz Eulálio de Bueno  
Vidigal Filho

O presidente João Figueiredo usará de toda a energia e está determinado a vigiar quase que pessoalmente a execução dos orçamentos do governo para controlar a expansão do déficit público que, de acordo com o compromisso assumido pelo País com o Fundo Monetário Internacional, deve cair de 2,7% do PIB em 1983 para 0,3% neste ano. Quem deu a informação ontem, em Brasília, foi o presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), Luiz Eulálio de Bueno Vidigal Filho, após audiência com Figueiredo.

"O presidente disse com todas as letras que o déficit público é a principal causa de todas as dificuldades econômicas que estamos vivendo. E a redução do déficit depende de atuação de 'dentro de casa'", relatou Vidigal. Segundo o presidente da FIESP, Figueiredo também concorda em que, sem o controle da expansão do déficit público, "todas as outras metas econômicas programadas pelo governo não serão atingidas".

Boa parte da audiência de 50 minutos que Figueiredo concedeu ao presidente da FIESP foi ocupada com o

déficit público. Se o governo for eficiente, for capaz e conseguir cumprir os objetivos que traçou para si mesmo, certamente teremos queda da inflação, superávit na balança comercial. Além disso, voltaremos a ter a confiança interna e externa no governo", salientou. Mesmo com a informação de que Figueiredo irá empenhar-se pessoalmente no cumprimento destas metas, Vidigal acha que haverá dificuldades "porque a pressão, num ano eleitoral, pode ser maior".

O presidente da FIESP não acredita que a meta de obtenção de um superávit na balança comercial, de US\$ 9 bilhões, em 1984, contribua para aprofundar o processo recessivo em curso. Ele lembrou, por exemplo, que os US\$ 9 bilhões são atingíveis na medida em que a maior oferta interna de petróleo pode representar uma economia de US\$ 1 bilhão ao País. Além disso, notou que, neste ano, haverá aumento das exportações agrícolas e o País poderá ser dispensado de importar estes produtos. Mas, quanto à meta de atingir uma inflação de 80% ao final do ano, Vidigal não é tão otimista. "Pode até acontecer. Mas meu número é entre 120 e 140%" concluiu.

exame de problemas econômicos. "Tivemos uma conversa muito franca", contou Vidigal. "O presidente tem uma posição muito semelhante à minha e à da FIESP de que o ano de 1983, se possível, deve ser apagado da memória, do ponto de vista da economia." Como isso, obviamente, não é possível, Vidigal acha que o ataque aos problemas econômicos deve começar por uma ação do próprio governo, na medida em que o déficit público representa hoje o maior obstáculo à superação destes problemas.

"Cabe exclusivamente ao governo o gerenciamento de